



VALENTES, VIRIS E VIOLENTOS EM OBRAS DE GUIMARÃES ROSA E DE AUTORES DO CORDEL – O RAPTO

VALIANT, VIRILE AND VIOLENT IN WORKS BY GUIMARÃES ROSA AND CORDEL AUTHORS – THE ABDUCTION

Kelly Cristina
Medeiros Ferreira*

* kelly_mferreira@yahoo.com.br
Doutora – UFC (Fortaleza/CE).

RESUMO: O trabalho objetiva verificar as aproximações e distanciamentos concernentes ao registro da virilidade na novela “Corpo fechado”, componente de *Sagarana* (1946), de João Guimarães Rosa, e dois romances relacionados ao ciclo dos valentes da literatura de cordel - *História de Mariquinha e José de Souza Leão* (1937?), de João Ferreira de Lima (PE/1902-PE/1972) e *Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul* (s/d), de José Pacheco da Rocha (AL?/1890?-AL/1954?). Embora tais obras orientem a leitura, outras peças rosianas e do cordel serão contempladas. Interessa-nos a constituição viril do valente e a de seu contraponto, o valentão, bem como suas relações amorosas e a prática do rapto. Nossa leitura se realiza sob o enfoque comparado e sob o viés sociocultural em interface com o campo das sensibilidades e, por conseguinte, importa-nos os pensamentos, entre outros, de Alain Corbin ([2012] 2013), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Antonio Candido ([1965] 2011), Luiz Roncari (2007) e Idelette Muzart-Fonseca dos Santos ([1997] 2006).

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa; literatura de cordel; valente; virilidade; rapto.

ABSTRACT: The work aims to verify the approximations and distances concerning the registration of virility in the novel “Corpo Fechado”, component of *Sagarana* (1946), by João Guimarães Rosa, and two novels related to the cycle of the valiant of cordel literature - *História de Mariquinha e José de Souza Leão* (1937?), by João Ferreira de Lima (PE/1902-PE/1972) and *Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul* (s/d), by José Pacheco da Rocha (AL?/1890) ?-AL/1954?). We are interested in the virile constitution of the brave man and that of his counterpoint, the bully, as well as his love relationships and the practice of kidnapping. Our reading is carried out under the comparative approach and under the sociocultural bias in interface with the field of sensibilities and, therefore, we are interested in the thoughts, among others, of Alain Corbin ([2012] 2013), Sandra Jatahy Pesavento (2007) , Antonio Candido ([1965] 2011), Luiz Roncari (2007) and Idelette Muzart-Fonseca dos Santos ([1997] 2006).

KEYWORDS: Guimarães Rosa; literature of twine; brave; virility; abduction.

1. Sobre tal diálogo literário, podemos apontar, dentro da ampla fortuna crítica, restringindo o campo a alguns livros consagrados, os seguintes trabalhos:

ALCOFORADO, Doralice. *A escritura e a voz*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1990.

NOBRE, Lúcia. *A arte Rosa do popular ao erudito: uma incursão na tradição cultural contística de Guimarães Rosa*. Maceió: UFAL, 2000.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Puras misturas*. São Paulo: Hucitec, 1997.

2. As datações dos textos da literatura de cordel referem-se às edições mais antigas encontradas em nossa pesquisa. Contudo, é considerável a possibilidade desses textos terem circulado anteriormente. Seguem as referências de nosso *corpus* central do cordel.

a) *História de Mariquinha e José de Souza Leão (1937?)*, de João Ferreira de Lima. 32 p. In: Portal de literatura de cordel – USP. Disponível em: <https://usp.br/portaldocordel/folheto_cordel.php?cod=13953&s=cordel>. Acesso em: 05 dez. 2021.

b) *Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul (s/d)*, de José Pacheco da Rocha. 32 p. A indicação mais antiga encontrada data de 1961, conforme se registra In: Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em <usp.br/portaldocordel/folheto_cordel.php?termo=os+prantos+de+cacilda+e+a+vinganca+de+Raul>. Acesso em: 18 fev. 2022.

Contudo, o autor morreu muito provavelmente em 1954. Como ao final de sua vida consta que havia se entregado ao alcoolismo, o texto deve ter sido escrito entre as décadas de 1930 e 1940.

1 ENTRELACES - VALENTIA, VIRILIDADE E VIOLÊNCIA

O trabalho, decorrência de minha tese de doutorado que propôs um diálogo entre a obra de Guimarães Rosa e de autores da literatura de cordel, integra meu estudo em curso no pós-doutorado. Justificamos tal diálogo seja pelo espólio bibliotecário de Rosa (que continha considerável material referente à literatura popular em verso) seja por sua interlocução literária com a tradição (constante particularidade de sua obra)¹. Embora “Corpo fechado”, novela de *Sagarana* (1946), de João Guimarães Rosa (MG/1908-RJ/1967), *História de Mariquinha e José de Souza Leão* (1937?), de João Ferreira de Lima (PE/1902-PE/1972), e *Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul (s/d)*, de João Pacheco da Rocha (AL?/1890?-AL/1954?), permeiem a leitura, invocaremos no decurso do trabalho outras narrativas de Guimarães Rosa e de outros autores da literatura de cordel.

A leitura desse conjunto literário, elaborado entre as décadas de 1930 a 1960², propicia a observação no *corpus* delimitado de certos traços da projeção das “sensibilidades” da época, meados do século XX, já que buscamos “explicar cómo podría haber sido la experiencia sensible de otro tiempo por los rastros” deixados, citando Sandra Jatahy Pesavento (2007, p. 371) no artigo “Sensibilidades, escritura y lectura del alma”. Por tais rastros, perseguimos a construção viril do valente e do valentão, seu contraponto,

bem como suas relações amorosas e a questão do rapto nos textos arrolados.

Sob tal conjuntura, nossa leitura gira em torno do seguinte problema: de que modos a virilidade se estabelece nas narrativas arroladas? Nossa hipótese é que a virilidade enquanto elemento estruturante da sociedade impõe determinados comportamentos e costumes para homens e mulheres. Nessa visada, a virilidade propicia o exame da representação do mundo no *corpus* selecionado, o qual abrange o universo sertanejo profundamente marcado pelo escravismo, colonialismo e mandonismo. Tais marcas se fazem presentes de modo inapagável nos textos escolhidos e nossos personagens movimentam-se sob tais balizas.

Cabe, inicialmente, esclarecer a designação “ciclo dos valentes” – advinda do campo da literatura de cordel: trata-se de um conjunto de narrativas que centraliza a figura do sertanejo valente no enfrentamento e conseqüente vitória diante de situações injustas. Também denominado “ciclo heroico” e “ciclo de bravura” - nomenclatura bastante difundida nos folhetos (narrativas de 8 a 16 páginas) e romances (narrativas de 24 a 64 páginas). É preciso ainda destacar que muitas narrativas podem transitar por diferentes ciclos temáticos, logo, os temas e motivos a

serem explorados determinam a classificação. Eis um dos aspectos do cordel, literatura movediça, em movimento e que escapa à rigidez rotular. Outro aspecto a iluminar diz respeito à problemática datação dos textos do cordel, já que os poetas inicialmente não tinham tal preocupação e que os editores-proprietários costumavam datar os poemas a cada tiragem. A preocupação com a autoria e os direitos autorais tornou-se mais corrente a partir da segunda metade do século XX, posterior, portanto, à demarcação do nosso *corpus*.

Se a trajetória biobibliográfica de João Guimarães Rosa dispensa apresentação, o mesmo não ocorre com os autores do cordel que o ladeiam nesse estudo – José Pacheco da Rocha e João Ferreira de Lima. Ambos exerceram grande influência sobre uma série de poetas de bancada através de seus títulos de ampla repercussão. Difere-os, entre outros, o fato de Pacheco da Rocha ser um autor mais profícuo, quando comparado a Ferreira de Lima. Vejamos, pois, resguardadas suas especificidades, um diálogo possível entre as obras selecionadas através desse estudo de perspectiva interarte.

Nosso olhar sobre a literatura de cordel está em consonância com o pensamento de Idelette Muzart-Fonseca dos Santos (2006) que, em *Memórias das vozes: cantoria,*

romanceiro e cordel, publicado em 1997, refuta a ideia folclórica de autor anônimo, “confundido na massa do autor-legião” e defende a materialidade do poeta de bancada e de sua obra que “constitui geralmente um documento datado, e ignorar suas condições históricas e socioculturais de produção deturpa sua compreensão” (SANTOS, 2006, p. 138-142). Trata-se, assim, de um sistema literário com suas particularidades, cuja construção levada a cabo pelo poeta ajusta-se a aspectos diversos relacionados à “tríade indissolúvel” autor-obra-público.

Nesse ponto, podemos evocar o pensamento de corte dialético, comparado e sociológico de Antonio Candido ([1965] 2011) em *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* no artigo “A literatura e a vida social”, escrito em 1957. Também no artigo “O escritor e o público”, escrito em 1955, Candido aborda a relação interpenetrante da tríade em foco e descreve-a ao afirmar, em outros termos e entre outros aspectos, que a obra age sobre si, sobre o público e sobre o autor, ao mesmo tempo em que o público age sobre a obra e o autor ao aceitar ou não a obra.

A dinâmica que se estabelece entre autor-obra-leitor evoca ainda o encontro do pesquisador com seu objeto e, no nosso caso, especialmente, por se desenvolver sob

o viés sociocultural, cabe enfatizar a impossibilidade do primeiro produzir sobre o segundo um discurso isento, objetivo. Colocamo-nos, assim, na posição de pesquisador consciente do peso do tempo, do contexto e da inviabilidade da construção de um discurso neutro, livre de paixão. Ainda com Candido, nossa leitura assume o externo (fatores sociais) como fator de coesão do interno (fatura da obra).

Nesses termos, compreendemos a virilidade como um elemento estruturante da sociedade, conforme Alain Corbin (2013, v. 2, p. 9) em *História da virilidade* – o triunfo da virilidade, publicado em 2012: trata-se de não somente “uma simples virtude individual. Ela ordena, irriga a sociedade, cujos valores ela sustenta. Ela induz efeitos de dominação”. Nesse sentido, o estudo da virilidade oferece o ensejo para a análise da construção de uma masculinidade aos moldes mais tradicionais que se intersecciona a diferentes formas de opressão historicamente naturalizadas. Eis o que procuramos observar, e o sertão retratado, com seus costumes de longa antiguidade, oferece tal ocasião, sobretudo, no que se refere à prática do rapto, tópico de nosso interesse.

Os dicionários consultados, acerca do vocábulo “rapto” atribuem três significados que para esse estudo mais

interessam: a) Ação ou efeito de sequestrar alguém e mantê-lo aprisionado como refém; b) Ação de sequestrar uma mulher com fins libidinosos; c) Furto, rapina. Trata-se, assim, de um intrigante tópico sexual no qual figuras femininas e masculinas envolvem-se sob uma ambiência visceralmente passional tão presente na literatura desde a antiguidade clássica, como atestam, por exemplo, os raptos de Persefone, Helena, Europa e das sabinas (descritos, respectivamente, por Hesíodo, em *Teogonia*, Homero, em *Ilíada*, Tito Lívio, em *Ab urbe condita* e Ovídio, em *Metamorfoses*); tão dramática na história, especialmente em casos reais ocorridos no sertão como veremos; e, ainda, tão controversa na legislação, haja vista a criação de leis orientadas para favorecer o masculino em detrimento do feminino.

Exemplar de tal favorecimento é a tese da defesa da honra, que tanto contribuiu para a instalação de uma cultura feminicida, somente considerada inconstitucional no Brasil no ano de 2021. Cite-se ainda a escrita dos códigos penais de 1890 e 1940 para estupro e rapto, ambos vigoraram no contexto da produção de nosso *corpus*: a vítima, nos referidos códigos, para ser levada em maior consideração, deveria atender a certos critérios, como ser honesta e/ou de menor idade. Ou seja, a lei coloca a mulher sob escrutínio, julgando-a previamente e não o crime ou o criminoso em si.

Essa era a lei escrita, mas a lei em voga no sertão era a da vingança e a da defesa da honra e, ambas, prescreviam usualmente a morte para o infrator. Em nossa leitura, acompanharemos dois tipos de rapto: o rapto por violência, perpetrado pelo valentão a fim de arrebatá-lo o corpo da mulher e o rapto consentido, praticado pelo valente para retirar a amada do subjugo do pai.

2 ENTRE VALENTES E VALENTÕES – A LEI E A REGRA

Nesse enfoque, nosso valente caracteriza-se por ser um homem que diante de uma situação adversa terá que se posicionar, sua luta/valentia, portanto, é pontual e não obrigatória como a dos jagunços e cangaceiros, figuras já amplamente examinadas, respectivamente, pelas críticas rosiana e do cordel. Nosso valente age em função de uma causa amorosa e difere do valentão, homem acostumado a demonstrações desmedidas de força e de violência, esse será observado como seu contraponto. Estabelecemos, assim, as proximidades entre os valentes rosianos e os do cordel. Mas eles se distanciam no que se refere à descrição física e temperamento, como veremos.

Os personagens valentões analisados nas duas estéticas aproximam-se por firmarem seu poderio, principalmente, impondo-se sobre as mulheres. Contudo, distanciam-se, na medida em que na obra de Rosa em exame surgem na

forma de homens mais jovens e fortes e nos folhetos e romances do cordel em pauta surgem, maiormente, sob a forma de ricos e autoritários fazendeiros mais velhos. Logo, o poder daqueles exerce-se através do avantajado vigor físico e destes por meio da influência econômica. Diante de tais capacidades, ao valente resta agir com des-temor e/ou astúcia.

Importam para nossa leitura a observação de aspectos tocantes à temática da virilidade, entre eles: contexto sociocultural, violência, patriarcado, racismo, misoginia, vingança e repressão sexual. É preciso de antemão apreender que a virilidade é: a) um constructo social; b) remete a questões do universo feminino, mas não se restringe a ele; c) trata-se, portanto, de um conceito móvel influenciado, entre outras, pelas contingências do tempo e dos espaços. Sob essa perspectiva, interessa-nos também a vida amorosa e suas implicações, o mais das vezes, violentas na sociedade sertaneja proveniente do escravismo, mandonismo e colonialismo.

Essa constituição social despótica caracterizada ainda pelo desrespeito e/ou ausência de leis ou do Estado e pela concentração de terras e/ou poder nas mãos de poucos levou ao cometimento de múltiplos abusos perpetrados pelos dois tipos de valentões mencionados – homens

fortes e/ou ágeis confiados em sua disposição e/ou habilidade (representados na obra de Guimarães Rosa) e homens ricos apoiados pelo poder aquisitivo e seus “cabras” (ilustrados na obra de Ferreira de Lima e Pacheco da Rocha). Tais tipos marcam presença em obras diversas da literatura brasileira e a tirania que exerciam será delineada no decurso do trabalho.

É preciso, contudo, nuançar tal afirmação que se refere somente ao *corpus* delimitado, pois na obra de Rosa há fazendeiros que agem como valentões, caso exemplar em *Grande sertão: veredas* é o de Hermógenes, um dos grandes chefes de bando de jagunços. Já na literatura de cordel abundam homens fortes e/ou ágeis confiados em sua disposição e/ou habilidade, tais como Antonio Cobra Choca e Jerônimo, entre muitos outros.

Diante de tais ferocidades, em “Corpo fechado”, sétima novela de *Sagarana*, Manuel Fulô terá que defender sua noiva, das Dor, da ameaça de rapto anunciado por Targino, um brigão do arraial. Em *História de Marquinha e José de Souza Leão*, o protagonista terá que fugir com sua amada, rapto consentido, já que o poderoso pai da jovem, o capitão Oliveiros Vasconcelos, impede o relacionamento. Já em *Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul*, o rapaz terá que enfrentar o major Eufrásio que raptou e estuprou

sua amada. Os antagonistas são todos homens temidos e violentos, considerados os valentões de suas localidades. Vejamos nas narrativas as ações de tais personagens que, de diferentes formas, invocam velhos costumes e relacionam-se com a noção de virilidade e suas ideias contíguas de demonstração de força, honra e poder.

Targino parece atualizar o direito da primeira noite, *primae noctis*, que refere-se a um suposto costume medieval que daria ao senhor feudal, no âmbito de seus domínios, a prerrogativa de desvirginar a noiva de um servo na noite de núpcias. Mito, direito oficial ou ato oficioso, a *primae noctis* ilustra uma das formas assumidas pela violência patriarcal no âmbito sexual advindo de relações assimétricas estabelecidas entre homens poderosos e mulheres sujeitas a tal poderio – senhores e servas/escravas, patrões e empregadas, sobretudo, domésticas e não eram raros os abusos cometidos contra essas trabalhadoras, e, no caso em pauta, valentões e mulheres, o mais das vezes, pobres. Segue trecho em que Targino comunica ao noivo Manuel Fulô – também chamado de Manuel Flor, Mané das Moças, Mané-minha-égua – a decisão de “visitar” das Dor.

... Até que assomou à porta da venda – feio como um defunto vivo, gasturento como faca em nervo, esfriante como um sapo

– Sua Excelência o Valentão dos Valentões, Targino e Tal. E foi então de fato que a história começou...

[...]

- Escuta, Mané Fulô: a coisa é que eu gostei das Dor, e venho visitar sua noiva, amanhã... Já mandei recado, avisando a ela... É um dia só, depois vocês podem se casar... Se você ficar quieto, não te faço nada... Se não... – E Targino, com o indicador da mão direita, deu um tiro mímico no meu pobre amigo, rindo, rindo, com a gelidez de um carrasco mandchu. Então, sem mais cortêsias, virou-se e foi-se. (ROSA, 2009, v. 1, p. 204-205).

A frieza de Targino encontra paralelo nos elementos que o descrevem – defunto, faca, sapo, carrasco manchu. Sua disposição em desrespeitar o mandamento bíblico relativo à cobiça e se apossar da mulher alheia repete-se com variações em outras narrativas de Rosa. Tal comportamento abusivo advém da ampla inculcação do pensamento viril assentado na lógica ininterruptamente expansionista sobre o Outro (qualquer ser em alguma ordem considerado passível de dominação). Assim, “ser viril é sempre colocar sobre os olhos dos outros a afirmação da própria existência, impor a expansão do próprio eu e a própria vontade”, conforme Claude Thomaset no artigo “O medieval, a força e o sangue”, integrante de *História da virilidade* – a invenção da

virilidade (2013, v. 1, p. 201). Nesse código de dominação, o poder do homem sobre o Outro e, especificamente, sobre a mulher, firma-se solidamente, já que amparado por uma praxe ancestral avalizada por uma cultura de base patriarcal cujos reflexos resvalam, por exemplo, na construção da legislação conforme os códigos penais citados.

Em *História de Marquinha e José de Souza Leão* temos outra antiga categoria de violência patriarcal de cunho sexual – o casamento arranjado que parece insinuar-se na interdição do pai imposta à Mariquinha em pretender qualquer envolvimento amoroso. O romance centra-se nos lances de coragem de José de Souza Leão, “rapaz de tipo elegante” que emigrou do Ceará por causa de uma seca e veio trabalhar em Pernambuco na fazenda do temido capitão Oliveiros Vasconcelos que já matara mais de cem homens. O excessivo controle do pai se repete em diversos romances do cordel e resulta, o mais das vezes, no rapto consentido da moça, corrente costume sertanejo. Desse modo, em muitas narrativas o relacionamento principia com uma confissão ou carta apaixonada da jovem, o rapaz aceita o amor e o desafio que consiste em raptar a donzela e enfrentar a ira do pai opressor.

As aventuras de Luiz e Lúcia (1941?)³, 16 p., de Luiz Gomes de Albuquerque, segue em linhas gerais tal enredo.

3. Segue a referência mais antiga que encontramos desse texto. *In*: *Catálogo de cordéis* – biblioteca de obras raras Átila de Almeida. p. 11. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=132028>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

O folheto descreve como o herói Luiz da Rocha Leão, filho de fazendeiro e vindo do Maranhão, viajou para o Piauí onde conseguiu emprego na fazenda do malvado capitão Miguel da Costa Brandão, enfrentou-o, venceu-o e casou com sua filha Lúcia. Seguem passagens respectivamente dos poemas de Ferreira de Lima e Gomes de Albuquerque.

O bilhete dizia assim:
Eu nasci para te amar,
Te entrego meu coração –
José de Souza Leão,
Tenha dó do meu penar!

Os rapazes desta terra
Não me pedem a casamento:
Todos temem a meu pai!
Vivo neste sofrimento,
Sem carinho e sem agrado –
Meu pai é quem é culpado
Deste meu padecimento! ((LIMA, 1977, p.12-13)

Lúcia mandou a criada
Dar a Luiz um recado
Dizendo: o meu coração
Por ti vive apaixonado

Me leva pra tua terra
Oh! meu anjo abençoado (ALBUQUERQUE, s/d, p. 5).

Notar que a donzela, movida pelo desespero diante da reclusão imposta pelo pai, toma a iniciativa do namoro. O rapto consentido se repete em diversas narrativas do cordel, trata-se de uma entre outras instituições oficiosas do sertão e converte-se em saída para contornar o excessivo controle paterno. Segundo Luís da Câmara Cascudo (2002, p. 233) no capítulo “Superstições e costumes”, de *Superstição no Brasil*, o rapto de moça constitui um costume, “não universal, mas espalhadíssimo e milenar. [...] Primeiro, na forma primária e literal do roubo à força. Depois, vivo nos elementos da fingida resistência feminina.” No continente americano, “missionários e viajantes registraram centenas de exemplos até meados do século XIX”. A compra da noiva veio em seguida como “dulcificação da conquista de outrora”. Em relação aos “povos cavaleiros, o rapto da moça determinava a perseguição para a retomada e represália. Era uma galopada furiosa, através da noite, em busca do valente atrevido e sua presa feminina.”

A referida “dulcificação” deu um polimento social ou envernizou um ato violento (o rapto à força), mas não suavizou seus efeitos (a objetificação da mulher), na

realidade, fomentou um verdadeiro mercado humano em vigor até hoje e revela, em última instância, o poder da figura masculina sobre a feminina. Nas narrativas do cordel, para pôr em prática tal empreitada são necessárias duas competências de extrema importância para afrontar o *status quo*, coragem e astúcia, ambas transparecem, por exemplo, no plano elaborado para a fuga. Seguem trechos referentes à oposição aos casais realizada nas narrativas de Ferreira de Lima e de Gomes de Albuquerque no momento em que os pais descobrem a partida do casal.

O capitão deu urro,
Que a terra estremeceu –
Uma dama desmaiou,
Uma moça adoeceu,
A negra ficou doente,
Tinha um leão na corrente,
Quebrou os ferros e correu!

[...]

Matem aquela infeliz,
deixem o urubu comer,
E matem José de Souza!
Suceda o que suceder,
Não façam gosto a nenhum –

A orelha de cada um
É só o que quero ver! (LIMA, 1977, p. 22-23)

Babava e rangia os dentes
Pior do que os dragões
E contra Luiz e Lúcia
Soltando mil maldições
Dizendo: onde eu pegá-los
Arranco os seus corações.

Mandou logo reunir
Cento e trinta cangaceiros
Seguiram atrás dos fugidos
Acharam logo os roteiros
Esperavam saciar
Seus instintos carniceiros. (ALBUQUERQUE, s/d, p. 10).

A hipérbole é um recurso muito empregado na poesia popular, tanto na poesia oral como na literatura de cordel, pois, para o sertanejo, o exagero na descrição de um ser ou de suas qualidades valoriza o elemento que se deseja realçar, conforme atestam Sílvio Romero, em *Estudos sobre a poesia popular do Brasil* e Cascudo, em *Literatura oral no Brasil*. Nos fragmentos acima, o exagero marca, para além da fúria do patriarca diante de uma desobediência

à sua vontade imperial, o pavor que tais acessos de cólera despertavam aos que o rodeavam.

Por seu turno, *Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul* centra-se em outra violência de cunho sexual – o rapto seguido de estupro. Se em “Corpo fechado” há a ameaça, aqui ela se cumpre. Após ser rejeitado por Cacilda Bandeira, “moça de certa idade / rainha da formosura / primor de vivacidade”, por causa de Raul Tavares de Lira, “Varão muito interessante / Musculoso, ativo e forte”, o major Eufrásio, “rico desde a mocidade / um solteirão de quarenta / caixa de perversidade”, elabora um plano para afastar o casal – faz com que Raul seja alistado e convocado para servir na capital ainda que não tenha idade para tanto, sequestra e estupra a jovem mantendo-a refém por meses em sua casa. Segue trecho em que Cacilda, após ser expulsa por Eufrásio, chega à capital e relata a Raul o ocorrido.

- Eufrásio, aquele tirano
Que tu conheces demais,
E sabes que sempre foi
Impiedoso e voraz
Compreendeu de deixar-me
Sem virgindade e sem paz

- Mandou carregar-me a pulso
Passei sob o seu poder
Quatro meses de tormento
E depois por não poder
Vencer-me, com raiva disse:
- Pode desaparecer! (ROCHA, s/d, p. 29).

O drama de Cacilda assemelha-se ao de Flausina, narradora-personagem de “Esses Lopes”, conto integrante de *Tutameia* (Terceiras estórias), de Guimarães Rosa, publicado em 1967. O conto narra a saga de Flausina sob o jugo dos Lopes ao ser obrigada a casar com vários homens dessa família. Diferem pelo fato de Cacilda demonstrar aberta resistência ao passo que Flausina prefere esconder os sentimentos.

Mal com dilato para chorar, eu queria enxoval, ao menos, feito as outras, ilusão de noivado. Tive algum? Cortesias nem igreja. O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele. Mais aprendi lição de ter juízo. Calei muitos prantos. Agüentei aquele caso corporal.

[...]

Ninguém põe ideia nesses casos: de se estar noite inteira em canto de catre, com o volume do outro cercando a gente,

rombudo, o cheiro, o rressonar, qualquer um é alheios abusos. A gente, eu, delicada moça, cativa assim, com o abafo daquele, sempre rente, no escuro. Daninhagem, o homem parindo os ocultos pensamentos, como um dia come o outro, sei as perversidades que roncava? Aquilo tange as canduras de noiva, pega feito doença, para a gente em espírito se traspassa. Tão certo como eu hoje estou o que nunca fui. Eu ficava espremida mais pequena, na parede minha unha riscava rezas. (ROSA, 2009, v. 2, p. 566-567).

O comportamento do major Eufrásio assemelha-se aos Lopes. O governo tirânico imposto por tais homens reflete características basilares da sociedade brasileira – sua profunda hierarquização social e seu caráter militarizado. Notar que o pai de Mariquinha e Lúcia detêm a patente de capitão, já o raptor de Cacilda possui a de major. Henry Koster (1942) em *Viagens ao Nordeste do Brasil*, livro escrito na Inglaterra entre 1815 e 1816, explica a constituição militarizada da sociedade brasileira: “O conjunto da administração no Brasil é militar. Todos os homens de sessenta a dezesseis anos, devem ser arrolados entre os soldados de Linha, na Milícia ou pertencer às Ordenanças.” (KOSTER, 1942, p. 259). Interessa-nos mais de perto os alistados na Milícia, muitos não recebiam soldo, mas todos eram tidos como incorporados. Quem comandava os regimentos da Milícia eram os ricos agricultores que

detinham as patentes superiores - coronel, major, capitão e tenente.

Outro ponto refere-se à audácia desses homens que diante de uma recusa amorosa, respondem com extrema violência. O enredo com variações se repete em *Grinaura e Sebastião* (1950?⁴), 16 p., de José Pacheco da Rocha, posteriormente intitulado *História de Grinaura e Sebastião*. Nessa narrativa, notamos atualizações, entre elas, os títulos dos grandes proprietários já não são da esfera militar, mas da acadêmica. Sebastião, jovem “de forte musculatura”, parte da vila onde morava em São Paulo e certa noite arrancha-se em um casebre. Ali encontra Grinaura, “dezesseis anos contava / Aquela gentil donzela”, filha do doutor Portela, que fora raptada por um negro, a mando de um engenheiro. Sebastião vence o negro em uma luta feroz e reconduz a jovem à fazenda do pai. Ao saber do ocorrido, o engenheiro ataca a fazenda com 40 homens armados. Perde e os jovens se casam. O racismo para com a figura do negro torna-se cada vez mais evidente no decurso do folheto. Seguem fragmentos que expõem a mentalidade que anima o antagonista.

O engenheiro a Grinaura
Um grande amor consagrava,
Mas ela, pelo contrário,

4. Segue a referência mais antiga que encontramos desse texto. In: PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Literatura popular em verso – Catálogo*. Tomo I. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1961. p. 319

Sempre, sempre o detestava.
Ele foi procurar meio,
Para ver se a dominava. (ROCHA, 1978, p. 06)

Disse o engenheiro assim,
No momento de partir:
- Mato tudo e trago a moça,
Solto o negro e tem que vir!
Partiu com quarenta cabras,
Desses duros a tinir. (ROCHA, 1978, p. 12).

Em *A coragem de Juquinha pelo amor de Ivonete* (1957?⁵), 16 p. de Pedro Armando dos Santos, os dois tipos de rapto são também tratados. Inconformado com o relacionamento da filha Ivonete com o forasteiro Juquinha, rapaz oriundo de Sergipe, o pai contrata homens para matar o jovem. Ivonete avisa o amado através de uma carta e eles decidem fugir – rapto consentido. Os contratados, por sua vez, resolvem matar o pai e o noivo e raptar Ivonete. O pai de Ivonete refugia-se no mato, e os bandidos seguem no encalço do casal. Há o confronto, o casal luta e vence. Ao final se casam com a bênção dos pais de Ivonete. Segue estrofe que trata dos dois tipos de rapto.

Vamos deixar os dois noivos
Nessa apressada fugida,

Para falar dos bandidos,
Cada uma fera homicida –
Queriam matar o velho,
Tomar-lhe a filha querida. (SANTOS, 1976, p. 10).

Mentalidade análoga observamos nos casos reais de rapto de meninas e moças cometidos por cangaceiros do bando de Lampião, entre eles o de Dadá, Sérgia Ribeiro da Silva (PE/1915-BA/1994), por Corisco, Cristino Gomes da Silva (AL/1907-BA/1940), apelidado também de o Diabo Louro. Aos doze anos foi sequestrada e violada, a violência foi de tal ordem que a menina teve febre e hemorragia. Outro caso emblemático é o de Dulce Menezes dos Santos (SE/?-SP/-), vendida pelo cunhado e violentada aos treze ou quatorze anos por Criança, João Alves da Silva (SE?-SP/1997), em uma festa de fazenda sob o silêncio dos convidados. Ambas foram obrigadas a seguir e casar com seus algozes.

Trata-se de uma lógica ininterruptamente opressora e expansionista e que também movimenta em *Primeiras estórias* o conto “Fatalidade”, que focaliza o drama de José de Tal ou Zé Centeralfe, um pobre enxadachim. Zé “Dava-se de entre vinte-e-muitos e trinta anos; devia de ter bem menos, portanto. Miúdo, moído” (ROSA, 2009, v. 2, p. 438), vê-se obrigado a fugir do arraial do Padre-Nosso

5. Segue a referência mais antiga que encontramos desse texto. In: *Catálogo de cordéis* – biblioteca de obras raras Átila de Almeida. p. 34. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=132028>. Acesso em: 18 fev. 2022.

onde vivia com a esposa, que sofria com o constante assédio do valentão Herculino Socó. O casal, sem poder contar com o apoio das autoridades competentes, vai para o arraial do Amparo, mas o perseguidor segue em seu encalço. Por fim, o marido decide ir à cidade “pedir providência” ao poeta, professor, ex-sargento de cavalaria e delegado de polícia, pois onde morava “a marca da autoridade” “se estava em falta”. (ROSA, 2009, v. 2, p. 439). Os nomes dos arraiais evocam, respectivamente, o sagrado e o judiciário e suas figuras mais representativas – o padre e o delegado, contudo, ambos ali estão em falta.

Desse modo, Luiz Roncari em *O cão do sertão: literatura e engajamento*, publicado em 2007, especialmente no artigo inicial em “O cão do sertão no arraial do ão”, no qual analisa a novela “Dão-Lalalão”, de *Corpo de baile* (1956), percebe a violência instalada no sertão como resultado da ausência de instituições reguladoras do estado e produto do patriarcado. Tal como Zé Centeralfe, Manuel Fulô, diante da ameaça de Targino, vê-se impossibilitado de recorrer às autoridades locais – o padre, o subdelegado e o coronel Melguério. Cada uma dessas figuras representa um nível de autoridade – o delegado corresponde à autoridade oficial, central; o coronel personifica a autoridade local e o padre encarna a autoridade religiosa/moral. Contudo, todos de algum modo esquivam-se e sucumbem à “regra” do sertão.

José Miguel Wisnik, em palestra exibida pela TV Cultura no ano de 2004, sobre “A hora e a vez de Augusto Matraga”, conto de *Sagarana*, explana sobre a diferença que se estabelece no sertão entre a “regra” (poder arbitrário que beneficia amigos e se volta contra os inimigos) e a “lei” (ordenamento que paira igualmente sobre todos). Para esclarecer as ideias de “regra” e “lei”, Wisnik cita um velho ditado: “Para os amigos tudo, para os inimigos o rigor da lei”. A fala de Joãozinho Bem-Bem, chefe de jagunços, no referido conto, ao não conceder perdão ou permuta de pena a um inimigo, também serve para situar a questão da regra no sertão. Segue trecho: “Lhe atender não posso, e com o senhor não quero nada, velho. É a regra... Senão, até quem é mais que havia de querer obedecer a um homem que não vinga gente sua, morta de traição?... É a regra. Posso até livrar de sebaça, às vezes, mas não posso perdoar isto não...” (ROSA, 2009, v. 1, p. 267).

O narrador de “Corpo fechado”, doutor e cidadão, tenta convencer Manuel Fulô a enfrentar Targino através da valentia, instando-o a defender a própria honra e a de das Dor, “Não fazer nada seria uma infâmia... Temos de defender a das Dor! Há momentos em que qualquer um é obrigado a ser um herói” (ROSA, 2009, v. 1, p. 205). Não funcionando tal argumento, diante da recusa do protagonista em enfrentar o valentão local, o narrador recorre a

outra estratégia de sobrevivência do sertão – a esperteza. “- Bom, Manuel Fulô, não iremos pela força... Mas, você, que logrou até os ciganos, vai me ajudar agora a inventar um estratagema, um modo de fintarmos o Targino?” ((ROSA, 2009, v. 1, p. 206). Força e esperteza são amplamente usados pelos heróis das histórias da literatura de cordel como meios de sobrevivência e/ou ascensão social. Diante da total inércia do amigo, paralisado pela bebedeira e medo extremo, o narrador resolve agir e chamar as autoridades para entrarem na questão. Segue trecho.

O Coronel era boa pessoa, só que o chamavam de berda-Merguério. Ouviu, deu de ombros e indeferiu:

- Se o senhor quiser, pode arranjar quem pegue o Targino à unha, que a autoridade aprova. Agora, gente p’ra isso não há por aqui... Ninguém não tem sopro p’ra esse homem...

Então fui ao vigário. O reverendo olhou para cima, com um jeito de virgem nua rojada à arena, e prometeu rezar o que não recusei, porque: dinheiro, carinho e reza nunca se despreza.

[...]

... E logo de cochicho em cochicho, formou-se uma corrente informativa:... o subdelegado, saíra do arraial de madrugada,

para assunto urgente de capturar, a duas léguas do comércio, um ladrão de cavalos... (ROSA, 2009, v. 1, p. 207).

Percebe-se certo desrespeito à figura do coronel Merguério, já que seu nome é pela comunidade aproximado à ideia de merda – “berda-Merguério”. As autoridades do arraial preferem não interferir e manter distância de Targino; assim, o coronel indefere o pedido de ajuda, o padre conforma-se em meramente rezar e o subdelegado parece inventar uma diligência de última hora para justificar sua ausência do arraial. A simples aparição dos valentões impõe extrema cautela aos habitantes locais, a classe ou posição social parece não importar e todos preferem invisibilizar-se diante de tais homens.

Em “Estória n. 3”, conto integrante de *Tutameia*, Joãoquerque, pretendente de Mira, “viúva recém, sem penhor de estado nem valedio pronto”, apavora-se ao ouvir a voz do “vilão Ipanemão, cruel como brasa mandada, matador de homens, violador de mulheres, incontido e impune como o rol dos flagelos” que bradava à porta da casa de Mira. Somente o vozerio de Ipanemão, aquele que era o “dono das variedades da vida, mandava no arraial inteiro” foi o suficiente para forçar a fuga desonrosa, angustiada e trôpega de Joãoquerque pelo quintal. (ROSA, 2009, v. 2, p. 567).

Das Dor, Cacilda, Grinaura, Ivonete, Flausina, a esposa de Zé Centeralfe, Dadá, Dulce e Mira sofrem as consequências da cultura do estupro instalada no sertão e sua culpa, falta ou crime reside em, tal como Medusa, serem bonitas e despertarem a atenção. Essa leitura do mito de Medusa é possível a partir de uma perspectiva dos estudos classicistas femininos atuais. Nossos protagonistas, por sua vez, são homens ordeiros movidos por uma experiência brutal e impulsionados a agir do mesmo modo para a contenção de uma violência irrefreada. São homens que atuam para defender a amada, o único ou o maior consolo de que dispõem, em uma terra onde vigora a lei do mais forte. Em última instância, o que estaria em questão, caso não agissem, conforme o costume, seria sua honra – e no sertão homem desonrado não encontra guarida. Em “Corpo fechado” a desonra de das Dor confunde-se com a de Manuel Fulô, espera-se que ele a defenda do agressor, eis a razão de o narrador instá-lo à ação.

Zé-pitada, protagonista de *As proezas de um namorado mofno*, folheto de 16 páginas de Leandro Gomes de Barros (PB-1865-PE-1918), sofre as consequências da desonra por covardia considerada no sertão um “crime descomunal”. Zé-pitada gaba-se de sua bravura para Marocas, a filha de um velho perigoso que não permite o namoro. Após o rapaz propor a fuga, rapto consentido, a moça resolve

testar a valentia do pretendente e afirma que o pai ouviu a conversa. Seguem trechos relativos à reação do jovem fanfarrão ao cair no chão tremendo de medo e a decisão da moça em abandoná-lo.

Disse a moça: quer um beijo
Para ver se tem melhora?
Ele com cara de choro,
Respondeu-lhe, não senhora,
Beijo não me salva a vida
Eu só desejo ir embora.
Então lhe disse Marocas:
Desgraçado!... eu bem sabia,
Que um ente de teu calibre,
Não pode ter serventia.
Creio que foste nascido
Em fundo de padaria. (In: Meyer, 1980, p. 89).

Marocas afirma ainda que “Covardia para mim / É crime descomunal.” De fato, a regra no sertão exige valentia. O não cumprimento da regra inutiliza o homem. Essa mentalidade surge também em “Estória n. 3” quando, após a fuga pelos fundos da casa de Mira, Joãoquerque conclui que doravante sua escapadela havia sido inútil, pois – “A vão querer escapulir, seguir derrota, imundo de vexame. [...] – aonde que viesse esse havia de o escafuar

– nem lhe valesse o fraquejo. *Valia era o sossegado morrer...*” (ROSA, 2009, v. 2, p. 570). A lei imemorial do sertão não tolera ato vergonhoso, ofensivo ou desonroso e se ocorrer, exige que a desfeita seja paga com sangue.

Eis o que também retrata “Duelo”, quarta novela de *Sagarana*, ao descrever as implicações de um enredado jogo de morte no qual a possibilidade de retroceder inexistente, pois a “regra” “veio pôr dois bons sujeitos, pacatíssimos e pacíficos, num jogo dos demônios, numa comprida complicação” ((ROSA, 2009, v/1, p. 112). Desse modo, Turíbio Todo e Cassiano Gomes, em nome da defesa da honra e da vingança, consomem-se mutuamente.

Quanto ao papel das mulheres, das Dor parece escapar ao papel de moça reservada que o patriarcado estabelece, pois é descrita como “uma rapariguinha risonha e redonda, peituda como uma perdiz” que percorre o arraial em busca de adjutório. Embora ela tenha em sua excursão ao bater na porta do narrador corado e ficado calada diante dele, “gente da cidade e de gravata” (ROSA, 2009, v/1, p. 196).

Muitas retratadas nos folhetos e romances da literatura de cordel também não cumprem tal papel, a exemplo de Mariquinha, Isabel e Ivonete que desafiam a autoridade paterna e namoram às escondidas, respectivamente, com

José de Souza Leão, Luiz e Juquinha. Mariquinha toma inclusive a iniciativa do namoro. Seguem trechos do poema de Ferreira de Lima.

Mariquinha saiu fora,
Sorrindo lhe deu bom dia,
Fez um sinal de namoro,
Um riso de simpatia,
Como quem não tem mistério.
José ficou muito sério,
Fez de conta que não via.

Mariquinha acelerada,
Vinha na ponta do pé
E, de lá do corredor,
Piscava o olho a José,
Achando bonito o moço.
O que se passou no almoço,
O capitão não deu fé. (LIMA, 1977, p. 11).

As mulheres, em muitas narrativas do cordel, mostram-se bem insubmissas, pois além de tomarem a iniciativa do namoro, lutam ao lado dos amados, como ocorre em *Grinaura e Sebastião*, *História de Geraldo e Silvina* e *A coragem de Juquinha pelo amor de Ivonete*. Seguem a disposição de Grinaura e de Silvina.

Por milagre ali achou
Um cacete de cocão
Na biqueira dum casebre
Bateu com disposição
No negro e ele estendeu-se
Nos pés de Sebastião. (ROCHA, 1978, p. 12)

Silvina pegava cabra
Com um talento esquisito;
Quando tocava-lhe o relho,
O cabra soltava um grito.
Não errava uma pancada,
Era bamba no cambito. (PONTES, 1988, p. 11).

No sertão, mundo complexo e fugidio que possui suas próprias verdades e valores, a violência transforma-se também em ato de sobrevivência; esse complexo conceito suscita diferentes interpretações e enfoques. Nesses termos, violência, valentia e vingança entrecruzam-se e se tornam a “regra” em um mundo onde os valores da virilidade estão estruturalmente dispostos em diversas camadas sobre os mais diferentes planos socioculturais.

3 VALENTES, VIRIS E VIOLENTOS

Diante do exposto, podemos compreender a virilidade enquanto elemento estruturante da sociedade sertaneja,

sendo assim, o viril impõe determinados comportamentos e costumes para homens e mulheres e possibilita a apreciação da representação do mundo no *corpus* escolhido, o qual apresenta um universo fortemente marcado pelo escravismo, colonialismo e mandonismo. Tais marcas estão presentes de modo inegável nos textos selecionados e nossos personagens orientam-se sob tais parâmetros para não cometerem o ignominioso e já referido “crime descomunal”.

As narrativas de Guimarães Rosa, Ferreira de Lima e Pacheco da Rocha tratam da modificação do *status quo*, ou seja, do momento em que os protagonistas vencem os antagonistas e rompem as cadeias de opressão estabelecidas. Em “Estória n. 3” registra-se: “Diz-se que era o dia do valente não ser, ou que o poder, aos tombos dos dados, emana do inesperado; ou que, às vezes, a gente em si faz feitiços fortes, sem nem saber, por dentro da mente” (ROSA, 2009, v. 2, p. 571). A citação trata da transformação do *status quo* no exato momento em que por obra do inesperado, do desespero, da necessidade ou do pensamento, o valentão encontra um valente para lhe fazer frente.

Muitos provérbios presentes nas narrativas ilustram esse momento. Em “Corpo fechado”, verdadeira exposição analítica em torno da figura do valentão, tais como: a) regras (só poderia haver um valentão de cada vez em

cada localidade); b) destinos (prisão, assassinato, morte por acidente ou por doença); c) categorias (em ordem valorativa crescente – subvalentão, valentão, valentão valente), anota-se:

- Deixa ele, doutor... P’ra cavalo ruim, Deus bambeia a rédea... Um dia ele encontra outro mais grosso... Eu já estou vendo o diabo, com defunto na cacunda!... Esse sujeitinho ainda vai ter de dançar de ceroula, seu doutor! Isto aqui é terra de gente brava... (ROSA, 2009, v. 1, p. 191) (grifo nosso).

Também diversas narrativas da literatura de cordel trazem estrofes alusivas à mudança do *status quo* através de provérbios. Desse modo, em *História de Mariquinha e José de Souza Leão* registra-se: “O capitão agradou-se / Do trabalho de José, / Porém, ele se enganou / *Que dessa vez encontrou / Forma que deu em seu pé.* (LIMA, 1977, p. 9) (grifo nosso).

Nosso protagonista em “Corpo fechado” não atende aos critérios das narrativas da literatura de cordel em exame nas quais os protagonistas são, em geral, jovens de belo porte físico, destemidos e virtuosos. Manuel Fulô, por sua vez, era avesso ao trabalho, “não trabalhava mesmo, de jeito nenhum, e gostaria de saber quem foi que inventou o trabalho para poder tirar vingança” (ROSA, 2009, v. 1, p.

194). Além disso, gostava de beber cachaça e para tanto percorria todos os botequins e bitáculas do arraial. A epígrafe da novela, quadra da cantiga da roda sobre a barata e suas mentiras, introduz outra importante característica do mirrado Manuel Fulô, a pabulagem. Segue a descrição física do nosso herói.

[...] Um sujeito pingadinho, quase menino – ‘pepino que encorulou desde pequeno’ – cara de bobo de fazenda – [...] Mas gostava de fechar a cara e roncar voz, todo enfarruscado, para mostrar brabeza, e só por descuido sorria, um sorriso manhoso de dono de hotel. E, em suas feições de caburé insalubre, amigavam-se as marcas do sangue aimoré e do gálico herdado: cabelo preto, corrido, que boi lambeu; dentes de fio em meia-lua; malares pontudos; lobo da orelha aderente; testa curta, fugidia,;olhinhos de viés e nariz peba, mongol.

Era de uma apócrifa e abundante família Véiga, de uma veiguíssima veigaria molambo-mazelenta, tribo de trapeiros fracassados, [...] (ROSA, 2009, v. 1, p. 193-194).

Trata-se de um pobre capiau, ou seja, habitante do campo sem maiores recursos, a exemplo de Antônio apelidado de Timpim ou Vinte-e-Um, de “Duelo” que fecha o “jogo dos demônios” travado entre Turíbio e Cassiano. Descrito como “um camarada meio-quilo”, “capiau,

com um sorrisinho cheio de cacos de dentes”, “caguinho”, “capiuzinho”, “tão humilde e mofino” (ROSA, 2009, v. 1, p. 128-129). Joãoquerque e José de Tal ou Zé Centeralfe também acompanham o mirrado tipo físico prototípico da escrita rosiana analisada.

Contudo, nossos heróis franzinos possuem uma característica singular – a tenacidade. Essa disposição em não se entregar às circunstâncias converte-se em resistência na escrita rosiana, assim como a força e a astúcia o são na literatura de cordel. Manuel Fulô e Timpim, portanto, são heróis improváveis. Se Joãoquerque descobre força em si mesmo e agiganta-se diante de Ipanemão, se José de Tal busca amparo na figura do delegado e atira em conjunto com esse em Herculinão Socó, Manuel Fulô encontra ânimo no sobrenatural ao se crer estar com o corpo fechado. Para tanto, contribui o “pedreiro Antonico das Pedras, Antonico das Águas ou seu Toniquinho, que tinha alma de pajé” (ROSA, 2009, v.1, p. 208). Nesse instante, ponto de virada, Fulô faz sua escolha, seu sacrifício, e troca com o “curandeiro-feiticeiro” sua mulinha Beija-Fulô, “grande amor de sua vida”, pelo corpo fechado. Vale a transcrição do embate.

Pronto! A dez metros do inimigo, Manuel Fulô parou, e rompeu numa voz, que de tão enérgica eu desconhecia, gritando uma inconveniência acerca da mãe do valentão.

[...] Cruzaram-se os insultos:

- Arreda, piolho! Sujeito idiota...

- Atira, cachorro, carantonho! Filho sem pai! Cedo será, que eu estou rezado fechado, e a tua hora chegou!...

E só aí foi que o Manuel mexeu na cintura. Tirou a faquinha, uma quicé quase canivete, e cresceu. Targino parara, desconhecendo o adversário. Hesitava? Hesitou. (ROSA, 2009, v. 1, p. 209).

Destaque-se que a variedade de nomes dos personagens rosianos pode ser considerada um indício da mutabilidade relativa ao processo de transformação pelo qual passam no decurso da narrativa. Por essa razão, o mofino pode virar valente ao “topar com um valentão na estrada da guerra e extingui-lo a ferro frio”. O herói “fez festa um mês inteiro, e até adiou, por via disso, o casamento, porque o padre teimou que não matrimoniava gente bêbeda.” (ROSA, 2009, v. 1, p. 209).

Quanto à luta entre valente e valentão, notar que ela se realiza nos planos físico e verbal. No cordel, ela se desenvolve com a mesma desenvoltura e pode conter igualmente lances humorísticos. Em *História de Geraldo e Silvina*

6. Segue a referência mais antiga que encontramos desse texto.
 In: ALMEIDA, Átila A. F. de A. e SOBRINHO, José A. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.
Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada.
 p. 226.

(1948?⁶), 16 p., de José Alves Pontes, no sertão da Paraíba, o capitão Murilo Costa, impede o namoro da única filha, Silvina, com o valente Geraldo, que era um rapaz vindo do Maranhão “pobre, porém educado”. O jovem torna-se o gerente da fazenda. Seguem trechos da luta decorrida após Geraldo vencer os capangas do capitão e enfrentá-lo frente a frente.

- Conheça, velho bandido,
 Nunca escolhi, nem escolho!
 Em defesa do amor
 Brigo de ficar zanolho!
 E se apronte pra levar
 Agora um soco no olho.

[...]

O velho animou-se e disse:
 - Ó meu genrinho adorado,
 Me solte por caridade
 Que eu estou conformado!
 E disse: - Vem cá Silvina,
 Toma lá teu namorado... (PONTES, 1988, p. 14-15).

São, portanto, demonstrações de força que animam tais lutas e, muitas vezes, a fúria verbal de um contribui para

desbaratar o outro. São verdadeiros duelos verbais, pelepas ou desafios que se apresentam aos olhos do leitor e remetem aos embates entre dois cantadores ocorridos durante as cantorias. Finalmente, seguem trechos do combate final entre Raul e major Eufrásio, em *Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul*, e de José e o capitão Oliveiros, em *História de Mariquinha e José de Sousa Leão*.

Era um dia de feira
 Ele na cidade entrou
 Viu Eufrásio e os dois “cabras”
 Que a história narrou
 Pôs-lhe a mão no ombro e disse:
 Major, conhece quem eu sou?

Deu-lhe um tiro e o major
 Ficou rodando num pé
 Caiu e Raul ainda
 Tornou-lhe passar o camblé
 E gritou-lhe: - seu major
 Vá ver o céu como ele é (ROCHA, s/d, p. 31)

José urgente saltou
 De seu cavalo no chão,
 Escalou o granadeiro

Em cima do capitão,
Fazendo uma manilha:
- Bote a bênção em sua filha –
Me diga se bota ou não!

O capitão disse: - Eu boto!
A velha disse: - Eu também!
Abraçaram-se ali todos,
O capitão disse: - Bem,
Agora bateu o jogo –
És meu genro, sou teu sogro,
Nas horas de Deus! Amém! (LIMA, 1977, p. 31).

O final feliz apresenta-se tanto nas narrativas rosianas como nas do cordel selecionadas e serve como lenitivo aos desafios encontrados pelos heróis. Em conclusão, podemos considerar que os desafios aludidos estão relacionados ao autoritarismo vigente no sertão, produto final da mentalidade colonial e escravista de uma sociedade marcadamente patriarcal e que por tal conjuntura torna problemáticas, o mais das vezes, as relações entre homens e mulheres.

Essa ambiência despótica propicia o aparecimento de valentes e valentões – personagens centrais de nosso trabalho que, margeando entre a ficção e a história, procurou

estabelecer aproximações e distanciamentos acerca de aspectos da virilidade de tais personagens nas estéticas rosiana e de autores do cordel, tendo como referência teórica as “sensibilidades” da época, evocando Pesavento e o “interno e o externo”, aludindo a Candido. Perscrutamos, assim, a construção viril do valente e do valentão, seu contraponto, bem como suas relações amorosas e a questão do rapto.

Sob esse prisma, anotamos que é, sobretudo, através de demonstrações de força, seja no plano físico ou no verbal, que o *status quo* modifica-se, ainda que pontualmente, no sertão: ambiente regido pela lei do mais forte, onde valentia, vingança e violência entrecortam-se e se tornam a regra em um mundo com regras próprias, operado pelos valores da virilidade compreendida aqui como um elemento estruturante da sociedade que impõe a todos determinados comportamentos e costumes.

Em razão da amplitude que o estudo da virilidade pode alcançar, focalizamos um de seus aspectos/costumes amplamente difundido no sertão – o rapto, intrigante tópico sexual no qual homens e mulheres envolvem-se em um conflito visceralmente passional. Nas narrativas, a depender das circunstâncias, o rapto pode adquirir significações distintas, assim, o rapto por violência perpetrado

pelo valentão reforça a atmosfera reinante de opressão do homem sobre a mulher, ao passo que o rapto consentido praticado pelo valente converte-se em ato de rebeldia ao contornar a opressão paterna. Resguardadas as especificidades estilísticas das obras postas em diálogo, as dicotomias Bem x Mal, Feminino x Masculino, Submissão x Resistência e, mais especificamente, Medo x Coragem perpassam todas elas e adquirem importância temática estrutural em um mundo fugidio justamente por possuir suas próprias verdades e valores.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Luiz Gomes de. **As aventuras de Luiz e Lúcia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qv-A3WWA0-k>. Acesso em 12 fev. 2022.
- BARROS, Leandro Gomes de. "As proezas de um namorado mofino". *In*: MEYER, Marlyse. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril, 1980.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.
- CORBIN, Alain; "Introdução". *In*: CORBIN, Alain COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade - o triunfo da virilidade**. v. 2. Tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- LIMA, João Ferreira de. **História de Mariquinha e José de Souza Leão**. São Paulo: Luzeiro, 1977.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Sensibilidades: escritura y lectura del alma". *In*: Marta Madero y Sandra Gayol. **Formas de historia cultural**. Buenos Aires: Prometeo Libros; Los Polvorines: Univ. Nacional de General Sarmiento, 2007. p. 361-372.
- PONTES, José Alves. **História de Geraldo e Silvina**. São Paulo: Luzeiro, 1988.
- ROCHA, José Pacheco da. **Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul**. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfc&pagfis=31197> Acesso em: 18 fev. 2022.

ROCHA, José Pacheco da. **História de Grinaura e Sebastião**. São Paulo: Luzeiro, 1978.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977

RONCARI, Luiz. "O cão do sertão no arraial do ão". *In*. _____. **O cão do sertão**: literatura e engajamento: ensaios sobre Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: UNESP, 2007. p. 15-84.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa** – v. 1. Organização e prefácio Eduardo Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa** – v. 2. Organização e prefácio Eduardo Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2009.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das vozes**: cantoria, romanceiro e cordel. Salvador: Secretaria da Cultura / Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, Pedro Armando dos. **A coragem de Juquinha pelo amor de Ivonete**. São Paulo: Luzeiro, 1976. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gTh5BV-7Zio>. Acesso em: 18 fev. 2022.

THOMASET, Claude. "O medieval, a força e o sangue". *In*: CORBIN, Alain COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade - o triunfo da virilidade**. v. 2. Tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2013.

WISNIK, José Miguel. "A hora e a vez de Augusto Matraga". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MM_R0g46Muc Acesso em: 25/08/2022.

Recebido em: 08-11-2022

Aceito em: 22-09-2023